

# Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças  
Contemporâneas*

Vol. II Línguas e Literaturas. Idade Média.  
Renascimento. Recepção

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,  
Paula Barata Dias (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# A MUNDIVIDÊNCIA DE DIOGO PIRES À LUZ DA COLECTÂNEA POÉTICA DOS *XENIA*

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE  
*Universidade de Aveiro*  
*Centro de Línguas e Culturas*  
aandrade@ua.pt

## Abstract

By the end of his life, Diogo Pires has published an extensive poetic compilation in Venice entitled *Cato Minor siue Disticha Moralia*. In this study, we seek to analyse one of the widest collections included in this work – *Xenia ad Ianum Claudium Ciuem Rhacusanum* –, a large assemblage of distichs inspired by the eponymous book incorporated in Marcial's *Epigrammata*.

If the *Xenia* (and also the *Apophoreta*) by the Bilbilis poet offer invaluable insight into Roman daily life in the 1<sup>st</sup> century, it is also undeniable that the book by the Évora poet provides us with a vivid recollection of his personal world, revealing his inclinations and most remote memories. Diogo Pires handles a broad range of themes in an ingenious and concise manner, by resorting to plain elegiac distichs that illustrate the felicitous interweaving of two places and times: Classical Antiquity and Renaissance.

**Keywords:** Diogo Pires, Martial, Neolatin poetry, Renaissance Humanism

**Palavras-chave:** Diogo Pires, Humanismo Renascentista, Marcial, poesia novilatina.

Diogo Pires trilhou os principais caminhos da Europa de Quinhentos, depois de ter abandonado o Reino, em 1535, um ano antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal. Filho de uma proeminente família de mercadores cristãos-novos, natural de Évora, o inspirado poeta novilatino estudou em algumas das mais afamadas universidades europeias (Salamanca, Paris, Lovaina), relacionou-se com ilustres humanistas, conheceu de perto os meandros do complexo xadrez político-religioso e económico do seu tempo.

Diogo Pires publicou na última década de Quinhentos, em Veneza, aquela que pode ser justamente considerada a sua obra-prima: uma extensa colectânea poética, em língua latina, intitulada *Cato Minor siue Disticha Moralia*<sup>1</sup>. O poeta

---

<sup>1</sup> A esta obra de Diogo Pires, dedicámos a nossa dissertação de doutoramento, subordinada ao título *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (versão policopiada). Apresenta-se seguidamente a descrição bibliográfica das duas edições venezianas da colectânea, que foi significativamente aumentada e reformulada na segunda edição, a partir da qual serão feitas, ao longo deste trabalho, todas as citações:

eborense, já nos últimos anos de vida, dedicou o seu livro aos mestres- -escola de Lisboa, a capital da sua querida pátria, que muitos anos antes o vira partir para sempre. É nosso objectivo, neste estudo, proceder a uma análise, necessariamente breve, de uma das colecções mais extensas desta obra, à qual foi dado o título *Xenia ad Ianum Claudium Ciuem Rhacusanum*<sup>2</sup>, um largo conjunto de dísticos inspirados no livro homónimo dos *Epigrammata* de Marcial.

Este conjunto de poemas é um dos mais extensos do *Cato Minor*, pois comporta cerca de 229 dísticos, alguns dos quais acompanhados de escólios para facilitar a compreensão dos leitores menos familiarizados com as diversas matérias abordadas. Além disso, cada poema apresenta um título próprio que, muitas vezes, ajuda a esclarecer a natureza do ser ou objecto referido. O conjunto foi dedicado a Ivan Klauđije, membro de uma antiga e reputada família de Dubrovnik, da qual faz parte também o seu irmão, Marin Klauđije<sup>3</sup>.

Os *Xenia* e *Apophoreta*, que correspondem aos títulos próprios dos livros XIII e XIV dos *Epigrammata* de Marcial, constituíram, sem dúvida alguma, o principal modelo em que se inspirou Diogo Pires para conceber e compor esta colecção de dísticos, à qual atribuiu, inclusive, um dos títulos antes adoptado pelo poeta bilbilitano, ou seja, *Xenia*<sup>4</sup>.

O único poema publicado entre os *testimonia* do *Cato Minor*, que não respeita aos três livros de dísticos morais com que se inicia o livro (*Moralium distichorum libri III*), reporta-se precisamente ao conjunto dos *Xenia*. Trata--se de um hendecassílabo da autoria de um médico valenciano, de provável ascendência judaica, que compara Diogo Pires a Marcial, em tom bastante jocoso:

VALDAVRAE MEDICI VALENTINI IN IOBI XENIA

*Festiuissimus omnium poeta,  
noster scilicet ille Martialis,*

FLAVII LACOBI / EBORENSIS / CATO MINOR, / SIVE DYSTICHA MORALLA / ad Ludimagistros Olyssipponenses. / ACCESSERE NOVA EPIGRAMMATA, / & alia nonnulla eodem Auctore. / Opus pium, et erudiendis pueris ad- / prime necessarium. / VENETIIS, / Sub signum Leonis. MDXCII.

FLAVII / LACOBI EBORENSIS / CATO MINOR, / SIVE DISTICHA MORALLA / Ad Ludimagistros Olyssipponenses. / ACCESSERE EPIGRAMMATA, / & alia nonnulla eodem auctore, quae / sequens pagella indicabit. / OPVS PIVM, ET ERVDIENDIS / pueris adprime necessarium. / Psal. 33. / Venite filij, audite me, timorem Domini docebo uos. / VENETIIS, MDXCVI. / Apud Felicem Valgrisium.

<sup>2</sup> *Cato Minor* (1596), 43-71. D. Körbler 1917: 50-65, procede à análise temática desta colectânea poética de Diogo Pires, identificando a figura do seu destinatário. C. A. André 1992, em trabalho sugestivamente intitulado *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*, apresenta e analisa várias composições desta colectânea que evocam a memória da pátria do poeta.

<sup>3</sup> Diogo Pires abre a colecção com dois poemas dedicados a Ivan Klauđije, cf. *Cato Minor* (1596), 43. Dirige ainda um longo poema *Ad Marinum Claudium*, publicado na colectânea *Hendecasyllabi* do *Cato Minor* (1596), 175-176.

<sup>4</sup> Refira-se a tradução integral dos *Epigramas* de Marcial para a língua portuguesa – Marcial (2000 - 2004), *Epigramas*. Lisboa, Edições 70, 4 vols, cujo volume IV contém o livro dos *Xenia* (trad. de Delfim Ferreira Leão) e dos *Apophoreta* (trad. de Paulo Sérgio Ferreira).

*si Flaui legeret breuem libellum,  
ridens diceret: «En cinaede uerpe,  
tu meam quoque Bilbilin lacessis?»<sup>5</sup>*

DE VALDAURA<sup>6</sup>, MÉDICO VALENCIANO, AOS *XENIA* DE JACOB

*O mais divertido dos poetas,  
decerto o nosso célebre Marcial,  
se lesse o pequeno livrinho de Flávio,  
diria com um sorriso: «Olha lá, ó circunciso devasso,  
também tu provocas a minha Bilbilis?»*

Os *Xenia* e *Apophoreta* foram publicados em 84/85 d. C., por ocasião dos festejos das Saturnais, celebradas durante o mês de Dezembro. Ambos contêm epigramas, geralmente de um dístico apenas, cuja função específica era acompanhar os presentes trocados entre os Romanos durante as festas em honra de Saturno. Os *Xenia* referem-se sobretudo aos presentes relativos a tudo aquilo que era costume comer e beber nos banquetes, enquanto os *Apophoreta* recolhem toda uma enorme variedade de prendas que era comum oferecer durante as festividades.

Uma simples comparação entre a colectânea do *Cato Minor* e os dois últimos livros dos *Epigrammata* de Marcial comprova, de facto, que o poeta eborense se inspirou, antes de mais, no livro dos *Xenia*, o que torna plenamente justificada a adopção deste mesmo título. Não é lícito afirmar-se, porém, que Diogo Pires tenha respeitado fielmente na sua obra a repartição temática existente nos dois livros de Marcial.

É um facto que os *Xenia* do humanista português integram inúmeros dísticos relativos, de uma ou de outra forma, às comidas e bebidas, mas não deixam também de incluir, se bem que em menor número, outros poemas sobre uma grande diversidade de matérias. Uns e outros ocupam um lugar privilegiado na colecção do poeta eborense, que no seu conjunto patenteia uma maior amplitude temática do que o livro homónimo de Marcial.

Ainda que nem sempre seja possível estabelecer muito bem o critério de ordenação dos poemas, todavia, a forma como foram publicados no *Cato Minor* parece indiciar que houve um critério de associação temática a presidir à sua composição e organização. Na verdade, os dísticos contidos nos *Xenia* encontram-se subordinados aos seguintes temas genéricos:

---

<sup>5</sup> *Cato Minor* (1596), fl. a7v.

<sup>6</sup> Os Valdaura são uma família de mercadores originários de Valência, para quem Juan Luis Vives começou por trabalhar como professor particular. A essa família pertencia, aliás, Margarita Valdaura com quem o famoso humanista casou em 1524. Cf. R. Marín Ibáñez 1994: 744. Não foi possível identificar com precisão o autor deste breve poema, mas é natural que seja um membro desta família.

**1. riquezas da natureza:** pedras preciosas e madeiras exóticas (díísticos 1-21, dedicados, por exemplo, ao diamante, esmeralda, safira, ametista, coral, mármore, alabastro ou marfim);

**2. reino vegetal:** a) plantas medicinais e aromáticas (díísticos 22-59, dedicados, por exemplo, à mirra, incenso, tamarindo, raiz da China, âmbar, pimenta, gengibre, noz-moscada, açafraão ou mel); b) flores, plantas, frutos (díísticos 60-125, dedicados, por exemplo, à flor do Jacinto, menta, arruda, alface, malva, cebola e alho-porro, fava, melões ou castanhas);

**3. reino animal:** bebidas e comidas, animais domésticos e selvagens (díísticos 126-202, dedicados, entre outros, à água, vinho, queijos, javali, cisne, papagaio, andorinha, mula, peixe-aranha, ostra, pescada, cavalo, égua, burro, abelha, tigres, leão, elefante ou galo);

**4. temas variados** (díísticos 207-229, dedicados, por exemplo, ao gelo, neve, bombarda, surdo, cego ou mendigo).

Convém notar também que muitos díísticos do humanista português ostentam um título igual ou semelhante aos do bilbilitano, ainda que o tratamento dos temas seja, no entanto, bastante distinto em ambos os poetas. É de assinalar a existência de quatro epigramas, cujos títulos são exactamente iguais nos *Xenia* de Marcial e de Diogo Pires (apresenta-se, em primeiro lugar, a referência do poema de Marcial): *Piper* (13.5; p. 49); *Lens* (13.9; p. 55); *Faba* (13.7; p. 55); *Ostrea* (13.82; p. 63). Além disso, importa referir que muitos outros têm títulos assaz semelhantes em ambas as colecções: *Tus* (13.4) vs. *Ebur et Thus* (p. 46); *Cydonea* (13.24) vs. *Mala Cydonea* (p. 57); *Lucanicae* (13.35) vs. *Lucanica* (p. 59); *Turdorum decuria* (13.51) vs. *Turdus* (p. 60); *Anates* (13.52) vs. *Anas* (p. 60); *Terrae Tubera* (13.50) vs. *Tubera et Boleti* (p. 64); *Numidicae* (13.73) vs. *Gallina Numidica* (p. 68); *Columbus* (13.66) vs. *Columbus domesticus* (p. 60); *Anseres* (13.74) vs. *Anser* (p. 60); *Grues* (13.75) vs. *Grus* (p. 60), *Mulli uiui* (13.79) vs. *Mullus* (p. 61); *Rhombi* (13.81) vs. *Rhombus* (p. 61); *Lepores* (13.92) vs. *Lepus* (p. 63); *Garum sociorum* (13.102) vs. *Garum* (p. 63); *Mel Atticum* (13.104) vs. *Mel* (p. 50).

A relação com o modelo latino não é tão estreita como esta semelhança parece, à primeira vista, indicar, pois os temas são recriados de uma forma completamente original e independente. O espaço e o tempo muito diferenciados em que viveram Marcial e Diogo Pires explica, em grande medida, o distinto tratamento dos temas, ainda que ambos façam uso da mesma língua. Além disso, o poeta português alarga bastante o âmbito temático do seu livrinho ao compor vários díísticos sobre objectos ou seres que, de facto, não poderiam ser oferecidos, ao contrário do que sucedia geralmente nos poemas de Marcial.

A escolha e o tratamento dos temas diz bastante do mundo em que vivia o poeta eborense. Os objectos e os animais remexem muitas vezes com as suas vivências mais íntimas que lhe podem trazer à memória, por exemplo, a agradável lembrança do tordo a debicar a azeitona madura nas planícies alentejanas da

sua infância (*Turdus*)<sup>7</sup>; um indivíduo que o impressionou, na cidade de Lisboa, pouco antes da sua partida (*Leo*)<sup>8</sup>; um corvo de penas brancas que teve a sorte de observar em Lovaina (*Coruus*)<sup>9</sup>; o sabor inesquecível dos deliciosos melões de Ferrara (*Melo pepones*)<sup>10</sup>; a impressionante estátua de Hércules que viu em Roma, no Capitólio (*Mala Cydonia*)<sup>11</sup>; as ameixas secas vindas da Bósnia com os seus reconhecidos efeitos digestivos (*Eadem arida*)<sup>12</sup> ou ainda a saborosa couve de Dubrovnik, colhida no mês de Outubro (*Idem*)<sup>13</sup>.

À semelhança dos *Xenia* e *Apophoreta* de Marcial, a colectânea do humanista português também constitui uma montra do quotidiano, não dos Romanos do século I d. C., mas do mundo de Quinhentos que Diogo Pires tão bem conheceu. Sabe-se, por exemplo, o que se comia e bebia nos vários lugares por onde peregrinou o poeta, os objectos a que era dado maior valor ou as enormes virtualidades das plantas medicinais e aromáticas.

Esta colecção poética atesta efectivamente o conhecimento privilegiado que Diogo Pires tinha dos simples e das drogas, das especiarias e da enorme diversidade de produtos e animais provenientes do vasto império português. De facto, o humanista eborense não só possuía formação em Medicina como pertencia a uma das principais famílias judaico-portuguesas envolvidas no comércio internacional de especiarias, pelo que é natural que os seus poemas evidenciem a grande familiaridade que tinha com esta matéria.

Por outro lado, convém não esquecer que no seio das relações pessoais de Diogo Pires se encontram alguns dos nomes mais reputados da Medicina do século XVI como é o caso de Amato Lusitano, Antonio Musa Brasavola, Giovanni Battista Canani ou Andrés Laguna.

Diogo Pires detinha um conhecimento privilegiado deste meio científico e dos seus actores principais. Transparece, não raras vezes, em alguns dísticos da colectânea *Xenia* um profundo saber tanto dos autores consagrados na Antiguidade Clássica como das obras inovadoras que marcaram a revolução científica da Medicina e da Botânica no Renascimento.

Assim, em escólio ao dístico sobre a *Cariophylon flos*<sup>14</sup>, demonstra conhecer a obra de Giovanni Manardi, médico de Ferrara, que designa a mesma flor de outra forma; noutro dístico, intitulado *Spinaca*<sup>15</sup>, alude à investigação desenvolvida por Amato Lusitano, seu parente e amigo inseparável, no sentido de saber se o espinafre era conhecido dos antigos; no poema dedicado às *Castaneae*<sup>16</sup>, contraria a autoridade de Galeno, defendendo as virtualidades

---

<sup>7</sup> *Cato Minor* (1596), 60.

<sup>8</sup> *Cato Minor* (1596), 67.

<sup>9</sup> *Cato Minor* (1596), 68.

<sup>10</sup> *Cato Minor* (1596), 56.

<sup>11</sup> *Cato Minor* (1596), 57.

<sup>12</sup> *Cato Minor* (1596), 56.

<sup>13</sup> *Cato Minor* (1596), 54.

<sup>14</sup> *Cato Minor* (1596), 51.

<sup>15</sup> *Cato Minor* (1596), 53.

<sup>16</sup> *Cato Minor* (1596), 57.

da castanha como alimento; no dístico *Myrtus ex Dioscoride*<sup>17</sup>, reconhece as propriedades desta planta já assinaladas por Dioscórides; noutra composição, ainda, dá voz à suposição geral dos médicos de que a *Febris quartana*<sup>18</sup> tinha efeitos muito distintos nos jovens e nos velhos.

Trata-se, de facto, de um conjunto de poemas bastante interessante em que o humanista português alia o seu conhecimento privilegiado da matéria tratada ao seu inegável talento como poeta. Em simples dísticos elegíacos molda temas variados, sem deixar de recorrer ao seu profundo domínio das literaturas clássicas e, em particular, da obra de Marcial.

O próprio Diogo Pires, no terceiro poema dos *Xenia*, revela o enorme prazer que constituiu para ele compor estes dísticos à imagem dos do Bilbilitano. De facto, é evidente que presidiu à escrita destes poemas uma perspectiva eminentemente lúdica. O poeta diverte-se imenso a moldar temas muito diversos num processo em que interpela, não raras vezes, a perspicácia e a capacidade do leitor para descodificar as referências mais diversificadas que vão sendo feitas ao objecto de cada um dos dísticos:

*DE SABINO CRITICO*

*Si mihi Censoris concedat lima Sabini,  
ut numeris unum crescat iota meis,  
ipse quoque audebo, quamvis lasciva repugnet  
Bilbilis, argutis ludere Xeiniolis.*<sup>19</sup>

*O CENSOR SABINO*<sup>20</sup>

*Se a lima do censor sabino me conceder  
que cresça um iota nos meus versos,  
eu próprio também ousarei, embora me repugne a lasciva  
Bilbilis, brincar com as argutas prendinhas.*

Os poemas dos *Xenia* despertam a curiosidade do leitor e não deixam de o surpreender pela forma agradável e inovadora como é tratada a matéria poética. Na verdade, apenas um poeta talentoso como Diogo Pires poderia conjugar a ampla variedade temática dos dísticos, malgrado a aparente aridez de alguns motivos, com as frequentes alusões pessoais e os seus apurados conhecimentos científicos, compondo uma interessante colectânea que é fruto, em simultâneo,

<sup>17</sup> *Cato Minor* (1596), 53.

<sup>18</sup> *Cato Minor* (1596), 70.

<sup>19</sup> *Cato Minor* (1596), 44.

<sup>20</sup> Não nos foi possível identificar esta figura, se bem que possa tratar-se do mesmo indivíduo a quem está dirigida uma composição dos *Hendecasyllabi* – *Cato Minor* (1596), 185 –, com o sugestivo título de *Ad Sabinum poetam iambographum et temulentum*.

das relações estreitas que estabelece, em geral, com a Antiguidade Clássica e, em particular, com a obra de Marcial.

Se os *Xenia* (e também os *Apophoreta*) do Bilbilitano constituem uma riquíssima montra do quotidiano dos Romanos do século primeiro da nossa era, não é menos verdade que este livro do Eborense permite visualizar, do mesmo modo, o seu próprio mundo, dando a conhecer as suas preferências e memórias mais recônditas. Diogo Pires molda temas variadíssimos, de forma engenhosa e concisa, em simples poemas, que são o espelho perfeito do feliz cruzamento de dois tempos e dois espaços: o universo da Antiguidade Clássica e o do Renascimento.

## Bibliografia

- António M. L. Andrade (2005), *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do séc. XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas (dissertação de doutoramento – versão policopiada).
- Carlos Ascenso André (1992), *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – I.N.I.C.
- Duro Körbler (1917), “Život i rad humanista Didalka Portugalca, napose u Dubrovniku”, *RAD Jugoslavenska Akademija Znanost i Umjetnost*. Zagreb 1-169.
- Ricardo Marín Ibáñez (1994), “Juan Luis Vives (1492?-1540)”: *Prospects: the quarterly review of comparative education* 14, n.º 3/4 743-759.